



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA

NATÁLIA CRISTINA REZENDE DA SILVA

**Lembranças na caixa de sapato: Um estudo sobre o Arquivo Pessoal
Fotográfico de Nelly Rezende**

Rio de Janeiro

2019

NATÁLIA CRISTINA REZENDE DA SILVA

**Lembranças na caixa de sapato: Um estudo sobre o Arquivo Pessoal
Fotográfico de Nelly Rezende**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Arquivologia da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO,
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Arquivologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Patricia Ladeira Penna
Macêdo

Rio de Janeiro

2019

NATÁLIA CRISTINA REZENDE DA SILVA

Lembranças na caixa de sapato: Um estudo sobre o Arquivo Pessoal Fotográfico de
Nelly Rezende

Trabalho de conclusão de cursos apresentado à Escola de Arquivologia, como requisito parcial
para obtenção do Grau de Bacharel em Arquivologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patricia Ladeira Penna Macêdo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Priscila Ribeiro Gomes
Integrante da Banca Examinadora

Prof.^o Dr.^o João Marcus Figueiredo Assis
Integrante da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por mais uma vez me fazer perceber que nada sou sem o Seu sustento e amor incondicional.

Agradeço à minha família – Isabel, Mauro, Ana, Nelly e Imorair – por serem sempre o apoio que tanto necessito. À vocês dedico o amor familiar que é a base deste trabalho. Amo vocês família!

Agradeço ao meu amor Will por estar sempre ao meu lado, me fazendo enxergar que desistir nunca é uma opção. Você confia mais em mim do que eu mesma e esse trabalho não se concluiria sem o seu incentivo. Te amo!

Agradeço também a minha orientadora Patricia Macedo por me apresentar a paixão que envolve os estudos dos arquivos pessoais. Obrigada por todos os conselhos e diretrizes que ajudaram a construir esse trabalho. Você é dez!

Agradeço a minha parceira de faculdade Mariana Cabada por ser a prova viva de que faculdade também é lugar de se fazer grandes amigos. Guardarei com carinho as nossas experiências, inclusive as noites mal dormidas e os seminários que pareciam ser ensaiados. Nossa sincronia não vai parar por aqui! Muito obrigada por seu apoio e amizade em todos esses anos!

Agradeço também as minhas amigas de sempre Anelise e Vitória, por me acompanharem desde o início da minha relação com a Arquivologia. Vocês são demais! Obrigada por toda a pressão “amorosa” que me fizeram pra concluir este trabalho!

Agradeço também a minha prima Marcelly. Obrigada por atender a minha ligação em 2014, quando estava em crise com a faculdade de história. Você me apontou um lindo caminho que foi fundamental para que eu chegasse até aqui e sem você, esse trabalho não teria se quer existido. Te amo!

Agradeço por fim, aos meus amigos de trabalho que me ouviram desde cedo falar sobre a necessidade de concluir logo a minha faculdade. À Equipe IMC – Jannice, Alice, Marcelly, Larissa, Mariana, Matheus, Sylvia, Gabriele e Maria Fernanda – muito obrigada por serem a melhor equipe de trabalho que um dia eu poderia ter. Por me provarem que arquivo não é apenas lugar de papel velho, mas sim lugar de muito trabalho pesado e que pode ser muito prazeroso, principalmente entre amigos. À vocês eu dedico boa parte do meu conhecimento em Arquivologia, vocês foram a “prática” que eu tanto precisava e amigos que eu nem esperava em ter um dia. Amo vocês!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o arquivo pessoal fotográfico de minha avó, Nelly Rezende. O acervo que contém cerca de quatrocentas e cinquenta fotos de cinco gerações, foi encontrado em uma caixa de sapato e retrata os 78 anos de vida de sua produtora e de seus familiares. Sendo brasileira, branca, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro e descendentes de portugueses, acreditamos que o acervo dessa produtora ainda em vida, tem muito para contribuir com os estudos sobre os arquivos pessoais.

Palavras chave: arquivo pessoal fotográfico; arquivos pessoais; acervo familiar

ABSTRACT

This work aims to analyze the photographic personal archive of my grandmother, Nelly Rezende. The collection, which contains some four hundred and fifty photos from five generations, was found in a shoebox and depicts the 78 years of life of its producer and family. Being Brazilian, white, living in the suburbs of Rio de Janeiro and descendants of Portuguese, we believe that the collection of this producer still alive has much to contribute to studies on personal archives.

Keywords: personal photographic archive; personal archives; family

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. HISTÓRIA DA ARQUIVOLOGIA E INSERÇÃO DOS ARQUIVOS PESSOAIS	13
1.1 - A História da Arquivologia:.....	13
1.2 - O início da Valorização dos arquivos pessoais	15
2. ARQUIVOS PESSOAIS FOTOGRÁFICOS: A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO NA PESQUISA ARQUIVÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM A MEMÓRIA.....	20
2.1 - O contexto no arquivo Pessoal: Preciosismo ou primazia?	20
2.2 - Arquivos pessoais fotográficos: Uma defesa de seu protagonismo e sua relação com a memória	26
3. LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA: UMA ANÁLISE SOBRE O ARQUIVO PESSOAL FOTOGRÁFICO DE NELLY REZENDE.....	31
CONCLUSÃO	40
ANEXO - ENTREVISTA COM NELLY REZENDE:	42
REFERÊNCIAS	45

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1 - Augusta e Alvaro - os avós maternos portugueses de Nelly	20
Figura 2 - Foto de Família - Da esquerda pra direita Nelly, sua mãe, seu irmão no centro da foto e seu pai com sua irmã. Mais tarde nasceria seu irmão mais novo.....	21
Figura 3 - Nelly com dois anos de idade.....	22
Figura 4 - Nelly e seu namorado Imorair no carnaval de 1958.....	23
Figura 5 - Nelly em sua 1ª Comunhão. Da Direita para a esquerda ela é a segunda em pé	25
Figura 6 - Nelly e sua madrinha, sua avó Augusta após a primeira comunhão.....	25
Figura 7 - Nelly e um casal de amigos no carnaval	27
Figura 8 - Verso da foto que diz "Nelly, ficou horroso. Vocês parece que viram o fantasma do Sr. Limo"	27
Figura 9 - Augusta acompanhada de seu esposo e filho	34
Figura 10 - Da esquerda para direita: Sadila, Nilza e Nelly na praça Paris, Gloria – RJ	35
Figura 11 - Foto-lembrança de Telma. No verso diz "A Nelly, uma simples recordação da sua colega de sempre, Telma"	36
Figura 12 - Foto-lembrança de Nilda. No verso diz: " A Nelly, como prova da amizade que vos [dou] uma singela lembrança. Nilda Rio, 12/09/1958.....	36
Figura 13 - Foto de aniversário de 2 anos do filho mais velho de Nelly, o Marcos.....	37

INTRODUÇÃO

Numa caixa de sapato, foi assim que eu encontrei cerca de quatrocentas e cinquenta fotos de seis gerações da minha família. Após rememorar diversos acontecimentos familiares em uma tarde de conversas com a minha avó paterna, ela me apresentou a caixa de fotografias que guardou por longos anos sem que ninguém pudesse abri-la, exceto em raríssimas ocasiões. Ao abrir a caixa, logo percebi a grandiosidade de todo aquele acervo que com fotos de até cem anos atrás, constituía um precioso arquivo.

Minha avó, Nelly Rezende de 78 anos, dona de casa e mãe de 2 filhos, é a mais velha de quatro irmãos, todos eles nascidos e criados no subúrbio carioca, em um bairro vizinho de Madureira, chamado Cavalcante. A história de Nelly e seus irmãos começa com a vinda de seus avós paternos para o Brasil em finais do século XIX. Ela conta que vindos de Aguada de Cima, um pequeno distrito de Portugal, chegaram ao Brasil em busca de novas oportunidades. Aqui compraram um terreno para estabelecer residência, o que mais adiante seria uma vila onde moraria boa parte da família.

Após algum tempo de sua chegada, os portugueses Augusta e Zé Maria, deram a luz um filho, chamado Álvaro, o pai de Nelly. Álvaro cresceu e foi criado por Avelino, outro português que viveu com sua mãe por muitos anos após ela ter sido abandonada pelo esposo. A notícia da separação à revelia de Augusta e Zé Maria se deu após anos de seu sumiço, em que ele com a justificativa de ter “saído para comprar cigarros”, nunca mais voltou.

A família foi crescendo e logo nasceria Nelly. Ela foi criada no mesmo terreno comprado por seus avós, acompanhando desde muito pequena as histórias de sua avó. Em algumas ocasiões, Nelly conta que por ter a letra muito bonita, escrevia muitas cartas em nome de Augusta para os seus parentes em Portugal. Lembra-se muito a respeito de uma certa prima de sua avó a qual ela lhe endereçava as cartas, mas lamenta até hoje não ter mantido o contato após o falecimento de Augusta, quebrando o único vínculo que ainda se restava da família com os parentes portugueses.

Por ser a filha e a neta mais velha, Nelly sempre assumiu posições de responsabilidade em sua família, primeiro ao cuidar de sua avó, depois de sua mãe e pai, por fim de seus irmãos mais novos até que ela mesma se casasse. Toda a documentação que foi sendo produzida por seus avós e depois por seus pais, inclusive a certidão do terreno em Cavalcante, além de certidões de óbito e cadernetas, foram perpassados pela família até que chegasse a Nelly, que também continuou a produzir documentos e a guarda-los em um mesmo lugar,

principalmente após a morte de sua mãe. O fato curioso é que essa guarda documental, que se iniciou com a sua avó paterna e que foi continuada por sua mãe e depois por si própria, tem 90% dos documentos representados por fotografias que retratavam toda a trajetória familiar, desde Augusta até chegar em Nelly que reproduziu a mesma lógica de sua avó em guardar documentos, mas principalmente fotos que revelavam momentos de sua vida.

Podemos notar que o grande *arquivo pessoal fotográfico*, conceito não comumente utilizado pela Arquivologia, é constituído por fotos que comprovam as atividades da família de Nelly, que se inicia com a chegada de seus avós no Brasil. A organicidade do arquivo se mostra tão evidente, a ponto da própria produtora conseguir reproduzir pelas fotos a trajetória de toda a sua vida, não apenas do que viveu e se lembra, como também do que se recorda de ter aprendido com sua mãe e avó a respeito de seus familiares.

A memória familiar se torna ainda mais presente quando essas fotografias dão suporte a toda história de vida dessa família, comprovando fatos como batizados, casamentos, passeios, vida profissional, festas e até mesmo relacionamentos de amizade. Sem descartar as próprias quebras de relacionamentos refletidas em fotos rasgadas ou os acontecimentos trágicos, como fotos de casamento que tiveram que ser refeitas após o sumiço de um fotógrafo. Além desses acontecimentos mais marcantes, também foram registradas fotos do cotidiano, como passeios em pleno carnaval, partidas de futebol e até dias comuns que se decidiu tirar fotos sem qualquer preparação ou motivo aparente.

Mas por que guardar tantas fotos por tantos anos? Porque ter o cuidado de preservá-las a ponto de mais ninguém ter acesso? Porque guardar todas as fotos recebidas como prova de amizade? Porque retratar em seu verso os lugares, datas e até comentários sobre elas? Porque rasgar fotos? Porque ter várias cópias? O que a fotografia representa para essa família? Quais são as memórias que elas refletem? Essas são algumas das problemáticas que tem como base essa pesquisa, que se inicia para mais uma vez reafirmar o valor do estudo sobre os arquivos pessoais na Arquivologia.

Conhecendo os potenciais de exploração do acervo, no Trabalho de Conclusão de Curso teremos como objetivo explorar as relações entre o acervo e sua organicidade enquanto arquivo pessoal fotográfico, reafirmando ainda mais a importância de sua preservação e estudo. Ao entender que se trata de um acervo que se constitui em 90% de arquivos fotográficos, também estudaremos o envolvimento da família com essa arte de fotografar, levando sempre em consideração como esse tipo documental vem sendo tratado pela

Arquivologia e mais especificamente pelos arquivistas que se empenham ao estudo dos arquivos pessoais.

Por fim, a relevância desses documentos de Nelly Rezende nos apresenta uma dupla importância, a da valorização de nossos próprios arquivos pessoais, como representantes de nossa própria atividade humana e a valorização desses documentos na Arquivologia, como reafirmação da importância da pesquisa de temas como esse que carecem de respostas para as suas lacunas.

Para a construção da análise sobre o acervo, nos basearemos basicamente na revisão de literatura da área sobre os temas – arquivos pessoais e arquivos de imagens. No decorrer do processo de leitura e análise dessas fontes bibliográficas e das informações coletadas através das entrevistas feitas com a produtora do acervo, estabeleceremos uma pesquisa empírica com o objetivo de elucidar os principais pontos relevantes para o estudo a respeito dos arquivos pessoais fotográficos.

No primeiro capítulo teremos como objetivo explorar os referenciais teóricos no campo dos arquivos pessoais, estabelecendo um debate bibliográfico entre os autores. Nesse sentido, iremos abordar as justificativas dadas pelos autores de arquivos pessoais em assumir os documentos privados como documentos de arquivo, reafirmações essas que vão desde a perspectivas em torno do valor probatório desses documentos sendo eles “provas do indivíduo”, como afirma Sue Mckemmish (2013) até as perspectivas históricas e etnográficas, como apresenta Luciana Heymann (2013).

Nos capítulos seguintes nos basearemos basicamente na análise sobre o acervo e suas especificidades, tendo também como suporte as entrevistas que serão realizadas com a produtora do acervo. Sabemos que as coletas de informações com base em entrevistas são muito frequentes em estudos da própria antropologia e da história a fim de responder perguntas que somente serão dadas pelo próprio produtor. Nosso destaque para esse tipo de metodologia se dá principalmente pelo fato raro de termos ainda a possibilidade de resgatar apontamentos do dono do acervo, que na maioria dos casos já se encontra falecido.

No segundo capítulo teremos como base a discussão em torno dos arquivos pessoais fotográficos e sua relação com a memória e valorização do contexto para a pesquisa arquivística. Exploraremos a importância da fotografia para a família e os diversos costumes por trás desses arquivos, como oferecer fotos como lembranças, escrever em seu verso legendas sobre o lugar e o momento vivido, além de tentar responder até mesmo o hábito de se guardar fotografias em caixas de sapato, costume muito presente na família.

No terceiro capítulo, com base na investigação da vida e do acervo de Nelly Rezende e tendo como base as suas entrevistas, faremos a relação entre as lacunas apresentadas pela pesquisadora Aline Lacerda (2013) em torno dos arquivos pessoais e mais especificamente sobre os arquivos que contém imagens, como fotografias. Nesse momento, serão apontadas algumas particularidades do acervo e as relações de sociabilidade refletidas por ele através da micro-história.

1. HISTÓRIA DA ARQUIVOLOGIA E INSERÇÃO DOS ARQUIVOS PESSOAIS

1.1 - A História da Arquivologia:

Remontando a história dos arquivos, percebemos que seu surgimento está intimamente relacionado ao momento em que há a necessidade de armazenar e preservar documentos que foram produzidos a partir do surgimento da escrita. Seu aparecimento data das civilizações Pré-Clássicas onde as informações eram registradas inicialmente em documentos com suporte em argila, posteriormente papiro, papel e hoje possuem uma grande diversidade de suportes.

Nos primeiros arquivos, os documentos eram organizados em templos e palácios, pois ficavam próximos as classes que os administravam. Na Grécia antiga, cada magistratura possuía seu *Archeion*, era o local onde destinava-se a conservação dos documentos emitidos pelo governo e este conceito foi levado para Roma Antiga em que ficaria conhecida como *Archivium*. É também em Roma que ocorre uma centralização dos arquivos e a consequente evolução desta instituição.

Os romanos possuíam um senso bastante prático de organização, valorizavam a administração do Império e por este motivo muitos dos seus critérios e técnicas de organização de documentos continuam sendo utilizadas até os dias de hoje como exemplo para a prática arquivística.

Já na Idade Média ocorre uma nova organização da sociedade e com isso uma reorganização dos arquivos. Os “criadores” dos arquivos passam a ser os soberanos dos feudos e o órgão responsável pela administração dos arquivos era a Igreja, sendo nomeados como Arquivos Eclesiásticos. Esses documentos eram em sua maioria títulos de nobreza, de terras e documentação pública em geral.

No século XVI ocorre uma nova mudança na organização da sociedade e novamente os arquivos são reorganizados e surge os primeiros Arquivos de Estado. Acontece a reafirmação e recuperação dos arquivos. Os documentos serão centralizados e com isso as práticas em arquivos se tornam ainda mais complexas.

Com a Revolução Francesa, no século XVIII, surge o Estado de Direito, atribuindo aos arquivos a comprovação da garantia de direito para o povo e eficácia do Estado. Sendo assim, a guarda, preservação e organização dos processos relativos à “vida” do documento passam

a ser responsabilidade do Estado. Nessa época, o arquivo exerce dupla função, de garantia dos direitos do cidadão e de salvaguardar a memória da nação.

A revolução francesa também é o marco para o surgimento do campo da Arquivologia e da valorização do arquivista como facilitador do trabalho do historiador. No ano de 1789 é criado por meio de decreto o primeiro arquivo nacional, sendo o primeiro da história a fim de custodiar os documentos oficiais do governo, que nesse momento começa a recolher os arquivos administrativos, escolares, eclesiásticos e todos os demais que são tidos como utilidade pública. Os documentos arquivísticos nesse momento passam a ser considerados fontes históricas, servindo de base para a reconstituição da história da França em meio ao florescimento do patriotismo.

Em 24 de abril de 1841 é criado o princípio da proveniência ou princípio de respeito dos fundos, entendendo-se que os fundos de instituições diferentes devem ser preservados separadamente. Esse princípio é preservado até os dias de hoje por defender a organicidade do documento que fora de seu conjunto perde muita informação enquanto documento arquivístico, tornando-se imprescindível que ele esteja relacionado a seu conjunto.

No final do século XX, surge os primeiros cursos de graduação em Arquivologia, assim como a profissão do arquivista que passa a ser regulamentada no Brasil – que não obstante tornou-se o primeiro a oferecer uma pós-graduação na área. É nessas universidades que hoje são discutidas diversos problemas que envolvem a profissão, como a grande relevância da prática, com técnicas que são aplicadas já há muitos anos, em detrimento de novas reflexões.

Para além das tradicionais referências na Arquivologia é importante destacar que os estudos de nossa área foram forjados num contexto institucional e administrativo. Nomes como Sheleberger, Jenkinson e tantos outros, tiveram preocupações muito específicas a fim de resolver os problemas em torno do tratamento de grandes massas documentais acumuladas por instituições governamentais. Eles também pensaram as teorias e metodologias que garantissem o posto dos Arquivos como detentores oficiais dos documentos do Estado.

Sendo assim, com o intuito de resolução de um problema maior no âmbito da administração pública, os documentos pessoais não eram uma preocupação no momento de formação do campo da Arquivologia, sendo então relegados a bibliotecas e museus. De acordo com Martina Spohr Gonçalves (2007) os arquivos de pessoas e famílias não eram sequer chamados de “arquivos” nesse momento, mas sim de coleções e incorporados a exposições como parte de uma coleção.

1.2 - O início da Valorização dos arquivos pessoais

No final do século XX, houve uma crescente valorização da chamada micro história, através de estudos da proeminente Nova História Cultural. Essa nova história que se propunha a valorização do indivíduo, teve como base a antropologia que aliada a história não mais estava preocupada em mostrar uma história macro de grandes feitos e eventos, mas sim uma história do particular, da vida privada.

Nomes como o de Carlo Ginzburg e Roger Chartier surgiram em meio a essa nova tendência de estudar o privado e dar vozes a pessoas que antes não eram contempladas pela história. Foi em meio a essa nova concepção de história que surgem a valorização de documentos pessoais, como cartas, certidões de nascimento, fotografias e documentos pessoais como um todo.

A partir de então, a Arquivologia contemporânea tem se deparado com a tarefa de definir novos métodos e teorias frente as demandas da valorização desses documentos pessoais, e da incorporação de novos tipos documentais apresentados pelos arquivos pessoais. Esses arquivos, trouxeram para o campo, novas discussões teóricas e metodológicas a respeito da própria definição de documento arquivístico, que antes só eram tidos como parte de uma função probatória surgidos em meio a uma atividade administrativa.

Contudo, assim como os renomados arquivistas, hoje vemos surgir um espaço de discussão crescente sobre arquivos pessoais na Arquivologia, através de novos pesquisadores que perceberam a necessidade de incorporação desses documentos pessoais na Arquivologia. Os espaços de discussão tem aumentado potencialmente através de novos estudos que comprovam e legitimam a importância dos arquivos pessoais como forma de obtenção do conhecimento tanto sobre o indivíduo produtor, sendo esses documentos “provas de si”, como também como prova relevante de representação de uma sociedade, como são já atribuídos nos campos da História e da Antropologia.

O início dos estudos sobre arquivos pessoais remonta a países como França, Reino Unido, Canadá e os Estados Unidos, ainda em meados do século XIX onde estudiosos voltam o seu olhar do Arquivo Público para os Arquivos Privados¹, na medida em que foram observando a importância desses arquivos como patrimônio nacional e portanto, de interesse público.

¹ Os arquivos pessoais estão inseridos na categoria de Arquivos Privados.

Ainda muito relacionado a recuperação da história nacional, num primeiro momento os arquivos privados eram sustentados por sua importância histórica. Ouve um movimento de recuperação inclusive de arquivos pertencentes a instituições públicas e que em função de atividades de alguns servidores, tomavam posse de documentos que deveriam permanecer no Arquivo Público.

Sendo assim, podemos dizer que os arquivos pessoais, passaram a ter maior destaque quando foram observados como parte do patrimônio nacional de uma região e/ou território e que carrega em si mesmo, um valor histórico de registro para a produção de memória de uma nação.

Como já dito, a Arquivologia que historicamente privilegiou arquivos institucionais, teve tardiamente a preocupação com os arquivos privados, tendo relegado essa função aos bibliotecários que por muitos anos, trataram arquivos como cartas, fotografias e documentos pessoais diversos, como coleções, como destaca Terry Cook (Cook, 1998, p.4). Essa tardia abordagem da Arquivologia levou a termos uma grande fragilidade ainda nos dias de hoje, no campo teórico e metodológico da Arquivologia no que tange ao tratamento desses documentos e na valorização desses documentos como arquivos.

Por muitos anos, a abordagem dos arquivos pessoais por bibliotecários levou muitos arquivistas a separar o tratamento desses profissionais, com os dos arquivistas e de sua documentação. Terry Cook afirma que grande foi o seu espanto na Austrália ao perceber que os documentos pessoais eram tidos como apenas como manuscritos de cunho histórico, enquanto que os documentos institucionais e administrativos, ganhavam destaque e reconhecimento nos congressos de Arquivologia. Ao discutir essa dicotomia, Cook apresenta alguns exemplos de como essa diferenciação ainda é forte:

Em grande parte da literatura arquivística dos Estados Unidos, por exemplo, há referências a duas partes distintas da profissão: a tradição dos manuscritos históricos versus a tradição dos arquivos públicos. Na Austrália, é revelador o título do periódico nacional dos arquivistas: *Archives and Manuscripts*, que ressalta a nítida dualidade que lá encontrei, com alguns arquivistas de arquivos públicos na verdade ignorando seus colegas que coletam manuscritos, não os considerando arquivistas, e sim profissionais mais próximos, em seu trabalho e em sua visão dos documentos, dos bibliotecários ou dos curadores de museus. Em boa parte da Europa e em muitas de suas antigas colônias, os arquivos nacionais, via de regra não recolhem papéis pessoais de indivíduos particulares (exceto de políticos e burocratas) em bases iguais às dos documentos oficiais do governo. Esse padrão se repete nos níveis dos governos e arquivos estaduais, provinciais, regionais e locais ou municipais. Quanto ao destino dos arquivos pessoais ou dos manuscritos privados, na maioria dos países são adquiridos pela biblioteca nacional, pelas bibliotecas regionais, ou pelas principais universidades e até mesmo por museus e por institutos de

pesquisa ou documentação temáticos ou especializados. Assim é que os diversos domicílios institucionais dos arquivos públicos e pessoais reforçam suas diferenças, tanto quanto o fazem suas distintas origens e estruturas legislativas. (COOK, 1998. P.130)

Essa diferenciação entre estas duas formas de acumulação documental, ou seja, institucional e pessoal, se dava pelo entendimento de que os arquivos institucionais tinham uma racionalidade própria derivada de seus órgãos produtores, refletindo a estrutura administrativa a qual o documento fora produzido, tendo em si um acúmulo natural, com uma ordem original, ao ser fruto de uma atividade administrativa. Já os documentos pessoais, poderiam ser constituídos a partir de uma acumulação não natural mas premeditada, através da seleção de documentos e por esse motivo questionava-se as fragilidades a respeito da ordem original desses documentos e de sua veracidade.

Toda essa diferenciação entre arquivos pessoais e institucionais colocam em xeque as possibilidades em torno da racionalização das atividades tanto físicas quanto jurídicas. O que queremos dizer é que embora a documentação não seja forjada em um âmbito institucional, não quer dizer que ela não seja verdadeira, ou que seu surgimento tenha sido produzido de forma manipulável, pois nos dois casos tratam-se de documentações forjadas a partir de uma atividade, seja uma atividade de um órgão, seja a atividade de um indivíduo, todos eles imbuídos de racionalidades e subjetividades.

A ideia tradicional de arquivo, como algo neutro, objetivo e racional vem sendo questionada e repensada atualmente, justamente por entender que toda a documentação tem ação humana e que toda a ciência por mais racional que se propõe ser, também é imbuída de subjetividades inerentes ao ser humano.

Contudo, o campo dos arquivos pessoais tem as suas particularidades que envolvem a informalidade. Eles carregam em si um encanto singular de suscitação de interesse e curiosidade ao privado, típico de uma característica inerente a todo ser humano que é o *voyeurismo*, ou seja, o interesse ao que é íntimo de uma pessoa a qual não se tem intimidade para saber os casos de sua vida (BELLOTO, 1998, p. 201). E essa característica faz aproximar ainda mais pesquisadores preocupados em criar instrumentos capazes de dar suporte ao tratamento arquivístico e ao acesso a esses documentos.

Para o desenvolvimento da área em que em grande medida foi ocupada por bibliotecários, historiadores e de outras ciências sociais, se torna necessário o diálogo ainda constante com essas áreas a partir da constatação de que os arquivos privados englobam aspectos emocionais e históricos no decorrer de suas atividades humanas. Ou seja, o contexto

ao qual esses documentos foram forjados e que nos é sempre muito importante para o tratamento dos arquivos, está envolvido por toda a vida de seu produtor.

Diferentemente das instituições a qual as suas atividades já são muito bem identificadas a partir do estudo de sua organização e objetivos finais, os arquivos pessoais sofrem alteração que vão além da atividade profissional de seus indivíduos, englobando aspectos emocionais da vida que são por vezes muito difíceis de serem identificados sem um esforço empírico do pesquisador ao aliar metodologias de outras disciplinas.

Sendo assim, considerando que os documentos pessoais são registros de ações e atividades de um indivíduo ao longo de sua vida e que os documentos gerados por ele se tornam provas dessas ações e atividades (MACEDO, SOBRAL 2017, p.04), devemos considerar que essas mesmas provas, tal qual um documento institucional, não exclui o contexto a qual elas foram produzidas. Mas, no caso dos arquivos pessoais, esse contexto se torna ainda mais amplo, por ter a interação de vários agentes diretos, como os relacionamentos que foram criados ao longo dos anos com outros indivíduos, seus interlocutores e que foram importantes para a razão do documento e também pela própria interação desse produtor com a sociedade que também o obriga a produzir documentos, quanto também sofre alterações do próprios sentimentos que promovem atitudes do próprio produtor, como escolher ou não tirar uma fotografia, de que maneira e com qual pessoa e etc.

A grande influência de interação dos documentos de arquivos pessoais e a complexidade do estudo dessas relações é ressaltada no artigo de Camilla Campoi e Patricia Macedo ao definirem as diferenças encontradas entre arquivos privados e institucionais:

No que diz respeito ao conceito de arquivo pessoal, podemos afirmar que são constituídos por documentos de arquivos, uma vez que são produzidos para representar ações e funções da entidade que lhes deu origem e refletem, assim, o seu contexto de produção. Nesse sentido, são documentos naturalmente nascidos a fim de cumprirem determinada atividade/função. A complexidade encontra-se justamente no fato do indivíduo desempenhar diversas atividades no decurso de sua vida, e a produção documental decorrente não estar determinada por normas institucionais, bem como a sua acumulação e/ou descarte. (SOBRAL, MACEDO, 2017, p.4)

O artigo de Camilla e Patricia ressalta a subjetividade por trás dos arquivos pessoais e como o tratamento desses documentos devem considerar a constante expressão individual, não apenas em seu tratamento ao evocar a interdisciplinaridade em seus estudos, como também entender a diversidade dos tipos documentais que serão produzidos e que por sua

vez deverão ter formas específicas de tratamento arquivísticos, principalmente aqueles de diferentes suportes. Nas palavras das autoras:

No caso dos arquivos pessoais, a subjetividade, a vontade e a expressão individual do produtor são refletidas nos documentos, tornando-os múltiplos e diversificados. Reconhecidos como a forma registrada da vida do indivíduo em sociedade, onde suas funções e atividades nem sempre são fáceis de serem dissociadas (...) (SOBRAL, MACEDO, 2017, p. 4-5)

Talvez seja por causa dessa complexidade dos arquivos pessoais e de toda a sua subjetividade que requer um diálogo ainda maior com outras disciplinas, que a sua reafirmação como arquivo deva ser sempre revogada pelos seus pesquisadores. Por sua vez também ressalta a dificuldade de seu campo na estruturação de suas abordagens teóricas pela Arquivologia.

Os arquivos pessoais em sua totalidade estão ligados a memória, a subjetividade e ao valor informativo que os documentos dos indivíduos possuem. A lógica existente no ato de sua criação constitui o contexto arquivístico e esta estrutura acrescenta mais informações a eles. São essas relações com a memória e o contexto de sua formação que nos motivam a estudar no próximo capítulo.

2. ARQUIVOS PESSOAIS FOTOGRÁFICOS: A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO NA PESQUISA ARQUIVÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM A MEMÓRIA

2.1 - O contexto no arquivo Pessoal: Preciosismo ou primazia?

Desde muito pequena eu cresci ouvindo a minha avó materna contar sobre os seus parentes de origem portuguesa. Ela falava com saudades sobre as cartas que escrevia para uma prima que vivia em Aguada de Cima e sobre o relacionamento com a sua avó que tinha um sotaque bem característico da terrinha. Essas lembranças de minha avó a fazia sonhar com o dia em que pudesse conhecer o país de sua família, sonho este que foi repassado inclusive para suas netas, que hoje também sonham em conhecê-lo.



Figura 14 - Augusta e Alvaro - os avós maternos portugueses de Nelly

Oriundas de uma família bem pobre do subúrbio do Rio de Janeiro, minha avó materna Nelly, juntamente com a sua irmã, minha tia Léa, passavam tardes conversando conosco sobre a sua infância. Elas contavam sobre a criação rígida que tiveram e sobre o grande esforço de seus pais em manter a casa com o pouco que ganhavam. Era uma família que cultivava o que podia em casa e que criava alguns animais, como cabras e galinhas que os

ajudavam a manter a renda familiar vinda do serviço de marmorista do pai de família. Tudo era bem dividido, como roupas que a minha avó conta que ganhava sempre no final do ano, e sapatos que precisam permanecer intactos até o final do período letivo.



Figura 15 - Foto de Família - Da esquerda pra direita Nelly, sua mãe, seu irmão no centro da foto e seu pai com sua irmã. Mais tarde nasceria seu irmão mais novo.

Nelly era a filha mais velha de quatro irmãos – Léa, Armando e Álvaro – eles foram criados em uma vila familiar e lá vivenciaram uma vida típica de interior do subúrbio do Rio de Janeiro. Ela conta com orgulho sobre as brincadeiras que inventavam por ter poucos recursos e como viviam caindo nas tentativas de subir em árvores e escalar lugares altos. As surras também eram sempre muito lembradas, elas eram concentradas em seu pai, que ao chegar do trabalho, recebia o relatório de reclamações de sua esposa e logo após corrigia os filhos.

Minha avó sempre gostou muito de estudar, se dedicava a aprender as tarefas de casa, como toda menina de seu tempo, como cozinhar, bordar e costurar, mas também mantinha seus olhos fixos nos livros de literatura e gramática que tanto gostava. Sendo filha mais velha, cuidou de seus pais assim que adoeceram e como muito usualmente acontecia, interrompeu

os seus estudos assim que terminou o ensino médio, não concluindo o seu sonho de se formar em professora.

Anos depois, já com seus filhos e depois netos, ela passou a ajudá-los sempre a estudar, sendo inclusive a pessoa em que ajudou a alfabetizar suas netas, que em meio a tardes de brincadeiras, fazia-as separar um tempo para a realização de deveres de casa e estudo.



Figura 3 - Nelly com dois anos de idade

Mais tarde, ao concluir os seus estudos no ensino médio e com a inserção no mercado de trabalho, Nelly passou a trabalhar como balconista em uma loja de eletrodomésticos. Foi na loja em que trabalhava juntamente com a sua prima Cila, que Nelly passou a ampliar a sua rede de amigos e lá conheceu o seu esposo Imorair, que veio a trabalhar na mesma loja como vendedor. Após alguns anos de namoro, se casaram em plenos anos 60 do século XX e anos depois tiveram dois filhos, Marcos e Mauro.

O período de vida de Nelly, ao sair da escola, ingressar no mercado de trabalho, se tornar mais independente e casar, foram registrados em muitas fotografias que demonstravam alguns eventos, como os carnavais e alguns passeios realizados com seu namorado e amigos.



Figura 16 - Nelly e seu namorado Imorair no carnaval de 1958

Mas por que falar dessas lembranças nessa pesquisa? Por que relembrar o cotidiano de uma senhora descendente de portugueses? Por que refletir sobre os sentimentos que permeiam esses arquivos? Todas essas perguntas só se tornam possíveis no estudo que envolve os arquivos pessoais, pois estão imbuídos de sentimentos e de histórias de trajetórias de vida de seu produtor, que nesse caso, embora não seja uma instituição privada ou pública, também carrega em si contextos de produção bem específicos e que nos são fundamentais para a organização do próprio arquivo.

A prática arquivística exige de seus profissionais diversos conhecimentos acerca do documento. Dentre eles, podemos destacar tais como o entendimento sobre sua origem, sobre o lugar de onde foi produzido, por qual motivo ou função e qual a importância de tal documento. Essas preocupações aparecem não apenas na prática dentro de uma empresa, instituição ou um arquivo pessoal, como também na produção de artigos científicos no campo da Arquivologia.

Uma das necessidades de nossa área e seu trato com o documento é o de estabelecer o *contexto* na qual o documento se insere. Talvez esse seja o momento crucial em que a Arquivologia traça relações com outras ciências, como a história e a sociologia pra estabelecer um mapeamento ainda mais eficaz sobre esse contexto. Sabendo da importância que o contexto ocupa no saber arquivístico, que muitos autores se propuseram a defini-lo.

De acordo com o Glossário estabelecido pela Conarq (Conselho Nacional de Arquivos), o significado de *Contexto* é dividido em duas definições, sendo uma geral e outra específica. Na primeira delas, o *Contexto* é definido como:

Ambiente em que ocorre a ação registrada no documento. Na análise do contexto de um documento arquivístico, o foco deixa de ser o documento em si e passa a abranger toda a estrutura que o envolve, ou seja, seu contexto documental, jurídico-administrativo, de procedimentos, de proveniência e tecnológico. (Glossario Conarq, 2009, p. 16)

A partir desta definição podemos perceber que o entendimento sobre onde o documento estava inserido e a finalidade a qual ele foi produzido é uma importante ferramenta para o fazer arquivístico, pois por meio do contexto podemos entender a estrutura em que o documento estava inserido e produzido.

No caso do arquivo pessoal de Nelly, a sua história de vida nos aponta para a criação de um arquivo que não teve a intenção de ser produzido para fins de álbuns ou de coleções, ele foi sendo construído a partir das oportunidades em que a produtora tinha de registrar momentos de sua vida, que não eram sempre decididos por ela, na verdade os agentes externos como amigos, esposo e familiares em geral que normalmente registravam através da fotografia.

Tamanha é a importância do contexto para o entendimento do acervo também para fins de descrição, porque ao passo em que algumas fotografias são fáceis de ser descritas, outras são mais difíceis de serem entendidas e geram muitas dúvidas, podendo causar um entendimento diferente do real. Exemplo disso é uma fotografia em que Nelly aparece vestida de anjo entre algumas outras crianças. Ao olhar a fotografia, podemos achar que trata-se de um registro de algum evento escolar, mas na verdade ao consultarmos a produtora do acervo, percebemos que trata-se de sua primeira comunhão e que a vestimenta de anjo era um costume da época.

Sendo assim, o contexto pode ser entendido de maneira mais elucidativa ao analisarmos os arquivos pessoais e a sua elaboração relacionando-os a história de seu produtor, a história do tempo em que foi produzido e até alguns costumes sociais particulares.

Preservar o contexto funcional dos documentos, no caso, poderia parecer mero preciosismo, [...] Mas não se trata de preciosismo. Organizar e descrever qualquer arquivo em função de seu valor secundário significa retirar dele, exatamente, os atributos probatórios próprios de sua relação com o contexto de origem. A ideia de que só se obtém informação qualificada quando se compreende seu significado no contexto em que foi produzida é, aliás, partilhada pelos praticantes de várias disciplinas. (CAMARGO, p.29).



Figura 5 - Nelly em sua 1ª Comunhão. Da Direita para a esquerda ela é a segunda em pé.



Figura 6 - Nelly e sua madrinha, sua avó Augusta após a primeira comunhão.

Afirmamos assim, que no caso dos Arquivos pessoais o contexto ao qual o objeto estava inserido deve ser preservado para que o conjunto documental possa ser compreendido em sua totalidade. As especificidades existentes ao longo da formação do arquivo pode nos oferecer informações importantes para o entendimento dele de maneira geral e não podemos encarar o estudo do contexto como algo secundário, muito pelo contrário, ele deve ser assumido como uma das principais ferramentas de nosso estudo ao lhe atribuirmos um valor primário na pesquisa arquivística.

2.2 - Arquivos pessoais fotográficos: Uma defesa de seu protagonismo e sua relação com a memória

Antes de iniciarmos a discussão sobre arquivos pessoais fotográficos, torna-se importante reforçar o próprio conceito de *arquivo* e sua diferenciação com o conceito de *coleção*.

Para a identificação de um arquivo, torna-se necessário a sinalização de dois conceitos principais que estão intrinsicamente relacionados, são eles: *naturalidade* e *organicidade*. De acordo com Lucia Maria Velloso (2012) essa diferenciação acontece pela identificação da causa de produção do acervo e das escolhas ou não que resultaram em sua preservação. Nas palavras da autora:

O arquivo se distingue da coleção, que é resultado, conforme já visto, do ato de escolhas particulares resultantes das preferencias de um colecionador. O documento de arquivo, por sua vez, é resultado de um processo administrativo consequente que representa as atividades e funções sociais de seu produtor. Para que façamos parte da sociedade, produzimos documentos arquivísticos que traduzem nossa identidade, nossos laços familiares, profissionais, de negócios. Sem esses documentos ficamos à margem da sociedade e não somos reconhecidos como seus membros. Não há escolhas a serem feitas. (VELLOSO, 2012, p. 67)

Na busca por essa definição, percebemos que o conjunto fotográfico de Nelly trata-se de um arquivo e não de uma coleção, por ser percebido nele traços de organicidade pertencentes a um arquivo que fora produzido a partir das atividades de seu produtor.

Ao abrimos a caixa de sapato em que continham as fotos, existiam inclusive fotografias de algumas atividades que a minha avó tão pouco se lembrava, como o fato meu avô ter brincado ao escrever no verso de uma das fotografias de sua juventude, ao dizer que ela e os amigos estavam horrorosos na fotos, por estarem parecendo que viram o fantasma do Sr. Limo.



Figura 17 - Nelly e um casal de amigos no carnaval

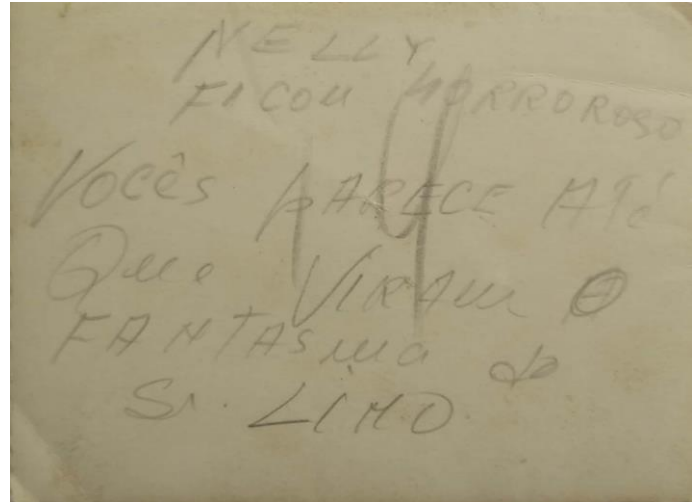


Figura 8 - Verso da foto que diz "Nelly, ficou horroroso. Vocês parece que viram o fantasma do Sr. Limo".

A perspectiva de prova e de registro dos acontecimentos de seu produtor, ressalta ainda mais a importância desses arquivos que eternizam a própria memória.

Encantado com as especificidades dos arquivos pessoais e preocupado em reafirmar a sua importância, o autor Richard Cox (2017) em sua produção tem como objetivo entender os “porquês” por trás dos arquivos pessoais, indo muito além do produto final, referente a organização desses documentos.

Na obra de Cox (2017), perguntas muito similares a que pretendemos responder são levantadas, tais como: Qual é a importância dos arquivos pessoais no nível individual, sentimental e familiar? Em que medida esses arquivos contribuem para a construção da memória do indivíduo e da própria memória coletiva e histórica?

Para Cox (2017), os Arquivos Pessoais têm demandado uma nova e merecida consideração teórica por parte dos arquivistas e das próprias instituições públicas, a qual esses arquivos são doados. Muito além das funções terapêuticas que esses arquivos proporcionam, eles também refletem a própria função dos arquivistas com relação a preservação e manutenção do patrimônio documental.

Por vezes, os arquivistas empenhados em sua tarefa de organização documental, perdem de vista o fascínio provocado pelo documento nas pessoas, perdendo assim um pouco do gosto romântico por traz de nosso ofício. Como afirma Cox:

Os arquivistas, profissionais responsáveis pela manutenção do patrimônio documental, às vezes se envolvem de tal forma nos aspectos clínicos da organização dos arquivos que arriscam perder de vista o fascínio geral experimentado pelo público, pelos estudiosos e outros profissionais semelhantes causado pelo apelo romântico do documento. (COX, 2017, p. 71)

O fascínio evidenciado por Cox com a relação aos documentos foi um dos motivos principais para a construção dessa pesquisa, que embora nos traga oportunidades de um estudo ainda mais voltado para a organização de seu acervo, nos faz refletir em um primeiro momento sobre a importância do documento e suas relações com o arquivista e seu fazer.

Embora tratem-se de arquivos pessoais fotográficos, são documentos que também geram consultas. Sendo assim, Cox nos leva a refletir sobre a importância desses documentos pessoais para consulta de seu próprio produtor. Consultas essas ligadas a culturas e modo de vida de uma determinada família ou sociedade que no caso de fotografias, o autor afirma:

Debruçamo-nos sobre velhos papéis de família quando precisamos de fotografia de um ancestral ou uma lembrança de um evento passado para a confecção de cartão de cumprimentos, um convite de casamento ou aniversário de casamento. [...] Documentos são produzidos também por causa dos costumes e das tradições sociais. Diferentes tipos documentais existem há muito tempo e estes não só refletem as funções que devem atender, mas também aqueles mesmos costumes e tradições. (COX, 2017, p.2016 e 2017)

Contudo, apesar da fotografia ser um dos tipos documentais mais encontrados nos arquivos familiares, principalmente por se tratar de um aspecto cultural muito forte na vida de muitas famílias brasileiras, este tipo documental encontra pouco espaço de discussão na Arquivologia, apenas sendo tratado de forma vaga e por vezes até renegado o tratamento específico no acervo.

Indo muito além das percepções dos arquivos pessoais, a autora Aline Lacerda (2013) nos alerta para presença de imagens nos arquivos. A autora defende que esses documentos fotográficos são encontrados na maioria dos arquivos, tanto públicos quanto privados, institucionais ou pessoais, mas que são poucos problematizadas quanto as características de seus registros e o importante papel que desempenham na construção do próprio arquivo. Nas palavras da autora:

As imagens, como formas de registro de ação e de informação, são portadoras de “materialidade” e de “recursos de expressão” distintos daqueles que caracterizaram os diferentes registros presentes na massa documental acumulada ao longo dos séculos – calcados na forma verbal. Essa é uma primeira diferença que não podemos desprezar e que tem se mostrado, em parte, responsável pela dificuldade de aplicar a esses novos registros a

metodologia arquivística, em função da realidade histórica encontrada nos arquivos. (Lacerda, 2013, p. 55-56)

Muito além de informações de âmbito técnico, sem renegar a importância desses estudos para a preservação documental, se torna importante pensarmos sobre a natureza e constituição desses documentos fotográficos. Partindo dessa premissa, podemos inclusive relacionar esses documentos a aspectos importantes da memória.

Como defendido pela autora Beatriz Sarlo (2007), Memória e Esquecimento andam juntas no processo de formação humana em sociedade. Elas são por vezes protagonistas até mesmo de embates políticos que, dependendo do posicionamento que pretende-se adotar, são permitidas ou não que venham ao conhecimento das pessoas.

No nosso estudo de caso, ao passo em que nossa produtora guardou diversas fotos, muitas lembranças foram sendo esquecidas, algumas até de modo proposital, como alguns fins de relacionamento como o da minha tia que rompeu um noivado e que ainda hoje existem fotos do antigo noivo, por ter sido padrinho de casamento de sua irmã.

O autor Pollack (1989) já nos alerta para as disputas em torno da memória. Disputas estas que entram em choque com “memórias oficiais” gerando um silêncio consentido e dificultando a forma de transmissão da memória. Contudo, as duas memórias, tanto a oficial quanto a subterrânea, atendem as demandas do tempo presente.

Acreditamos que a partir da fotografia a memória pode ser ainda mais despertada a medida em que a imagem suscita momentos já antes esquecidos. Esses momentos podem ser percebidos inclusive através de representações na própria imagem, como itens, roupas, móveis, lugares e até expressões faciais.

A produtora de nosso arquivo por exemplo, demonstra esse poder de “despertamento da memória familiar” através das fotografias ao afirmar diversas vezes em reuniões familiares, que ao passo que as fotografias são belos registros, também causam uma espécie de tristeza, por relembrar períodos da vida tão felizes da vida e que não mais voltarão. Essa melancolia dos registros imagéticos faz surgir uma dupla percepção, que ora traz a alegria, ora traz a tristeza.

O momento de revelação dessas fotos também torna perceptível a demanda do tempo presente para que essas memórias sejam enfim reveladas, resultado de apenas agora aos 70 anos minha avó ter permitido a consulta dessas fotografias. Momento de muita fragilidade familiar em que seu esposo encontra-se doente e um momento em que ela se sente muito sozinha, a fotografia e o rememorar através delas, tornam-se conforto e companhia.

Além das relações da memória com o produtor e as memórias reveladas no levantar dos contextos das fotografias produzidas, elas também despertam no próprio pesquisador/arquivista muitos questionamentos a respeito das próprias particularidades do acervo, como o fato de ter ainda vivo o seu produtor e por despertar em seu estudo baseado na micro-história, aspectos fundamentais para o registro de uma história de uma camada social não muito privilegiada, seja por falta de registros, seja pela preferência de estudos oficiais de famílias ricas e de posição de destaque na sociedade.

No capítulo a seguir, serão abordados aspectos particulares de nosso acervo com base na entrevista realizada com a sua produtora.

3. LEMBRANÇAS DE FAMÍLIA: UMA ANÁLISE SOBRE O ARQUIVO PESSOAL FOTOGRÁFICO DE NELLY REZENDE

O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez, ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente (BARTHES, 1984, p. 13)

Uma das características mais marcantes que envolvem os Arquivos Pessoais é a possibilidade de estudo sobre o indivíduo e a sua relação com a sociedade. Esse estudo, engloba semelhanças e diferenças com os já acostumados levantamentos sobre as instituições públicas e privadas, pois assim como em um arquivo institucional, nosso trabalho começa pela investigação minuciosa dos processos que levou o acúmulo de determinado volume documental, o mesmo acontece em um diagnóstico de acervo pessoal.

Contudo, mais especificamente no caso dos arquivos pessoais abrem-se possibilidades de análise sobre um indivíduo que encontra-se talvez a margem da sociedade e onde o estudo de seu acervo não seja devidamente valorizado. Desdobrando-se em reflexões não somente sobre o volume documental, mas também sobre o papel do indivíduo, suas relações em sociedade e as representações que englobam todo o fazer arquivístico por trás dessa documentação, ao destacar um conjunto documental que talvez não pudesse ser estudado, assim como o seu produtor.

Ao abordar um acervo pessoal, lidamos com diversos questionamentos que envolvem inclusive aspectos sobre uma “educação documental sobre o acervo”, cabendo ao arquivista demonstrar a importância desses documentos para o seu produtor ou dono do acervo. Importância esta que vai desde a sua preservação para fins arquivísticos, como para futuros estudos históricos e de valorização da memória individual, familiar e social ali representada.

Logo que me deparei com o acervo fotográfico de Nelly, algumas particularidades desse encontro logo me saltou os olhos. Dentre elas está o fato de poder realizar um estudo com base na micro-história, que pudesse revelar aspectos ainda mais macros sobre a sociedade como um todo. É o que chamaria Jacques Revel (1998) de *Jogos de escalas* na organização de seu livro “Jogos de Escalas, a experiência da microanálise”.

De acordo com Bernard Lepetit (1998), a Micro História, apresentada por historiadores italianos, ofereceu uma referência e um modelo a ser seguido que, embora tendo estado em moda ultimamente, contém implicações teóricas e metodológicas que devem ser consideradas.

Existem diversas motivações para adentrar o campo da micro história e um estudo de caso como o de Guy Bois pode servir de exemplo. O pesquisador tinha a necessidade de observar uma célula elementar e indispensável em sua pesquisa e queria dar a seu objeto um olhar diferenciado, um olhar “de baixo para cima”, modificando assim os modelos interpretativos e a própria matéria histórica já vista anteriormente. Tal estudo encontraria sua aplicabilidade no campo da micro história, contudo, Lepetit aponta para o risco do estudo de caso se assemelhar a uma história serial tradicional ao se basear em estatísticas descritivas.

Ao seguir os seus estudos sobre questões interligadas a escalas e generalizações invoca a visão filosófica que aborda a generalização como uma forma de indução. Lepetit completa dizendo que este é um procedimento abstrato e um processo de abstração na ordem da representação, ou seja, a generalização focaliza o comum em detrimento do singular, do geral em detrimento dos detalhes, em função da escala escolhida o pesquisador sacrifica detalhes para mapear o todo, sendo a escala o condicionamento da visão do pesquisador.

O ideal de totalização pode ser encontrado no emprego do estudo social, quando nas ciências humanas procura-se estabelecer os princípios gerais do funcionamento social.

Em meados do século XX, o objeto último da pesquisa histórica por exemplo, consistia em encontrar a totalidade social baseado em um processo cartesiano e praticando a quantificação. Sem reflexão, a profissão praticava uma macro história.

A partir das proposições antropológicas de Clifford Geertz e de outros antropólogos, os pesquisadores que adotam a micro história pretendem captar os atores históricos em ação, tendo a dimensão de que existem imprevisibilidades e casualidades nas ações humanas e que estas fazem parte da análise pretendida.

No caso do arquivo fotográfico de Nelly, seu estudo já se inicia de forma especial por se tratar de um acervo que tem o seu produtor ainda vivo. Essa singularidade nos permite avaliar principalmente questões no que tange os porquês de tal acumulação documental, caso que em muitos estudos só pode ser deduzido, já que na grande maioria dos acervos, tratam-se de produtores já falecidos.

De acordo com Aline Lacerda, partindo do ponto de vista do tratamento arquivístico, os motivos pelos quais se levou a acumulação documental, assim como a sua origem e transição, são importantíssimos para entendermos a racionalidade por trás da produção. Nas palavras da autora:

(...) esse é o momento mais significativo da vida do documento, aquele capaz de lançar luz sobre as razões e os sentidos dos registros, desses com seus

congêneres, e do conjunto com o responsável pela sua existência: o titular do arquivo. Como o trabalho de organização dos documentos para fins de pesquisa, em geral, é efetuado muitos anos após o arquivo estar concluído (no sentido da morte do titular – pessoa física – ou da extinção da instituição – pessoa jurídica), esses vínculos, supostamente mais evidentes enquanto o arquivo estava sendo forjado, frequentemente precisam ser restabelecidos, reconstruídos. (LACERDA, 2013, p.56-57)

Nos guiando por essa tentativa de reconstrução ao entender a raridade de se ter o produtor ainda vivo, fato que ajudará o arquivista na recuperação de informações, que tivemos como base o uso da entrevista como metodologia de pesquisa.

Indo para além dos aspectos de conservação e preservação desses registros, estamos preocupados com a sua origem e trajetória, nos propondo a preencher uma das lacunas evidenciadas por Lacerda (2013) na Arquivologia. Nosso intuito é o de também afirmar a fotografia como pertencentes a um arquivo:

Na bibliografia sobre arquivos fotográficos, de modo geral, poucos trabalhos de detêm sobre sua natureza e constituição nos domínios público e privado. A maioria gira em torno de regras e métodos de tratamento técnico, ou sobre a conservação e preservação desses registros. Ainda hoje se discute se as fotografias deveriam ser consideradas documentos de arquivo, considerando que sua forma de constituição estaria mais próxima dos itens de coleção. Em resumo, documentos fotográficos ainda são vistos como “especiais”, tanto na área arquivística quanto da dos estudos históricos que se servem dela como fonte ou objeto. (LACERDA, 2013. P. 57)

Na entrevista, ao ser questionada sobre os motivos pelos quais ela foi acumulando o seu arquivo fotográfico, Nelly nos conta um pouco sobre a trajetória de seu arquivo e como ele chegou até ela. A medida em que ela vai narrando o processo de aquisição dessas fotografias e de construção do acervo, notamos que a trajetória de vida, ou seja, o contexto de produção é sempre relacionado com o “fluxo documental”, estando permeado de memórias familiares.

De acordo com a produtora, o arquivo teria sido iniciado pela sua avó paterna, Augusta, que tinha o hábito de tirar fotos em Portugal e que trouxe esse costume para o Brasil. Ela conta que embora fossem uma família pobre, sempre quando podiam, iam até uma espécie de estúdio para registrar fotos em família. Alguns, ainda na época de sua avó, eram feitos como uma tela, com molduras trabalhadas e poses que recordavam um tempo do Império.



Figura 18 - Augusta acompanhada de seu esposo e filho

Ainda em posse de sua mãe ou avó, essas fotografias eram por vezes consultadas com o intuito de inclusive apresentar parentes distantes, ou rememorar tempos de juventude. Nas palavras de Nelly:

Quando a foto estava com mamãe, algumas vezes minha avó Augusta ou meu pai, eu não lembro, pegavam as fotos pra mostrar quem era quem pra mim. “Esse é fulano, esse é ciclano”. Meu pai não tinha como tirar foto, porque não tinha dinheiro. Não tinha máquina fotográfica nem nada. (Nelly, 2019)

Nelly tinha uma ótima relação com a sua avó, tendo morado com ela boa parte de sua vida. Ela conta que as fotografias a fazem relembrar do tempo em que sua avó ainda estava viva, “prolongando aquilo que um dia existiu”, como apontado por Barthes (1984). E o motivo pelo qual Nelly guardou por tantos anos cerca de quinhentas fotografias, foi justamente o de “guardar lembranças” de um tempo passado. Ao ser perguntada sobre o porquê de guardar as fotos e o que elas representam para ela, Nelly responde que “Representam lembranças, recordações da família, da nossa vida. Ai eu quero deixar de recordação também”. (Nelly, 2019)

Embora o arquivo fotográfico de Nelly não seja exatamente apenas sobre a família, contendo ainda fotos de amigos, eventos e alguns lugares, a produtora demonstra que os registros da família são os mais importantes para ela. Isso reflete também a grande atividade de sua vida, que foi ser dona de casa e mãe de dois filhos. Nelly afirma:

Mas tinham várias fotos, tem uma inclusive que eu não suporto, que é uma minha com pano na cabeça. As vezes tiravam fotos do dia a dia, do nada, não tinha nem como eu me preparar pra tirar. Acho que quem tirou foi o meu esposo mesmo. Fotos no trabalho por exemplo a gente não tirava, mas tem foto depois do trabalho, como a Sadila deitada na grama da praça Paris. E tem outra minha, Sadila e Nilza, nós trabalhávamos na mesma sessão. (NELLY, 2019)



Figura 19 – Da esquerda para direita: Sadila, Nilza e Nelly na praça Paris, Gloria - RJ.

Uma marca importante do acervo de Nelly são as fotos recebidas como lembranças por parte de seus amigos e parentes. Era um costume da época revelar fotos e escrever no verso uma mensagem carinhosa e entregar como prova de afeto. A grande maioria das fotografias desse caso são de fotos tamanho 3x4. Ao ser perguntada sobre essas fotografias, Nelly nos conta:

É, a gente costumava fazer isso, era um costume de todo mundo. Ai a amiga pegava uma foto e oferecia a foto escrevendo no verso “Ofereço essa foto com muita amizade...” Tem uma menina ali, Telma que eu não lembro de onde ela era, não sei se era da época do ginásio. Mas eu recebi muita foto assim. (NELLY, 2019)



Figura 11- Foto-lembrança de Telma. No verso diz "A Nelly, uma simples recordação da sua colega de sempre, Telma".



Figura 12 - Foto-lembrança de Nilda. No verso diz: "A Nelly, como prova da amizade que vos [dou] uma singela lembrança. Nilda Rio, 12/09/1958.

Também podemos perceber que a fotografia foi adentrando aos poucos o cenário familiar, iniciando com a sua avó paterna e seguindo para seu pai, seu esposo e filhos. Embora não tenha sido necessariamente um costume claro na família, a importância dessas fotografias sempre esteve presente no convívio familiar.

Na época a gente ia em um lugar pra tirar foto, era um nome que não me recordo. [Estúdio?] Era outro nome, mas era parecido com o estúdio de hoje. Como falei, não tínhamos máquina de fotografar porque meus pais eram muito pobres, mas sempre que podíamos tirávamos fotos da família. (Nelly, 2019)

De acordo com os estudos de Mirian Leite (1993) as fotografias estavam presentes na maioria das famílias, independente das classes sociais, diferindo somente na quantidade, por causa do preço alto para reproduzi-las. Ao analisar uma série de fotografias familiares, a autora nota que existe uma padronização inclusive de estruturas e momentos em que essas fotos são tiradas, sendo principalmente feitas em momentos festivos e/ou em reuniões familiares.

Indo mais adiante em sua análise, Leite (1993) afirma que o poder da fotografia também abarca o seu valor de prova, representando onde tal pessoa esteve, em que período e o que estava acontecendo no momento. Algumas vezes, lembra-se inclusive do momento por causa da fotografia tirada. Nas palavras da autora: “Algumas pessoas não se lembram do que aconteceu, mas do retrato do que aconteceu” (LEITE,1993:18).



Figura 13 - Foto de aniversário de 2 anos do filho mais velho de Nelly, o Marcos.

Com base nos estudos de Leite (1993, na tentativa de captar se existiam momentos específicos para a produção de fotografias, perguntamos a produtora quais eram os momentos que mais se fotografava. Embora ela não se recorde exatamente quais eram os momentos, na grande maioria das vezes o impulso de tirar fotos não partia dela, mas sim de seus amigos, esposo e depois filhos. Contudo, as fotos de aniversário são sempre muito lembradas. Nas palavras de Nelly:

Não sei, eu não me lembro. Eu até tenho poucas fotos do Marquinho por exemplo, a maioria foi o pessoal aqui de casa que tirou e me dava.

Ai depois também quem tirou muita foto foi o Marquinhos com negócio de aniversário. O Marquinhos tem mais fotos ne? Porque ai quem começou a tirar fotos foi o meu esposo, que comprou uma máquina na época e começou a tirar mais fotos. (Nelly, 2019)

Não sendo a grande apreciadora de fotografias da família, mas sendo a principal defensora dessas fotos, responsável pela guarda e preservação, Nelly também nos aponta os critérios de acumulação dessas fotografias que não foram feitos a partir de um critério de seleção. Todas as fotos que ela ganhava ou que por algum motivo foram chegando até ela, eram guardadas por ela numa caixinha.

O critério foi “vai colocando”. Não tinha critério, era um lugar de guardar fotos, então toda foto que se tirava ou que eu recebia, ia pra caixinha. [As fotos eram guardadas] dentro de uma caixinha, ai a caixinha ficou ruim e eu troquei de caixinha. Fui sempre trocando quando a caixinha ficava ruim. Teve uma época que elas estavam até num saquinho, acho que foi na época em que ficava com eles lá [os pais de Nelly]. (NELLY, 2019)

O ponto forte da relação de Nelly e as fotografias é com certeza a sua relação com a memória. Uma memória que embora seja cheia de momentos felizes, também é permeada por momentos difíceis que a faz lembrar a perda de sua avó, seus pais e momentos de doenças e grandes dificuldades. Por vezes a palavra “saudade” foi mencionada na entrevista, uma saudade que vem acompanhada de tristeza. Ao falar um pouco sobre a frequência de consulta dessas fotografias e o que elas representam, podemos perceber a repetição em sua fala:

A gente via bastante, apesar que eu não gosto de ver, me da saudade. Me deixa pra baixo e eu não gostava de emprestar não, porque sumiram muitas fotos. Sumiu foto de eu grávida do Maurinho, sumiu foto da minha tia Esmeralda. Essa foto que tinha, de mim grávida do Maurinho por exemplo, foi tirada lá na casa do padrinho dele que era noivo da Léa. (...) Tem fotos pra caramba, fotos até que eu não gosto de ver por causa da saudade. Passou muito rápido. Tem uma foto do Tiago por exemplo, sentado numa bola, que me da uma saudade enorme. (NELLY, 2019)

Alguns autores como Roland Barthes (1984) e Pierre Bourdieu (1965) ressaltam a importância da fotografia enquanto registro de memória coletiva utilizado pela família. Um papel que como afirma Bourdieu vai além de seu papel histórico, agindo também como mantenedor da união e coesão do grupo familiar. O encontro com o passado nesses registros familiares se torna ainda mais evidente, ao ser apresentado as gerações passadas de uma família, como no caso de Nelly, que já inclui cinco gerações.

Como apontado por Sue Mckemmish, em seu artigo *Provas de mim*, novas considerações (2012), nossos arquivos pessoais são importantes. Ao passo que podemos guardá-los ou queimá-los, mas eles serão sempre provas de nossa existência.

No caso do arquivo pessoal fotográfico de Nelly, essas provas foram guardadas e sustentam a sua identidade enquanto mulher, branca, descendente de portugueses, moradora de um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, casada, mãe de dois filhos e avó de cinco netos.

CONCLUSÃO

Desde a minha inserção na pesquisa, ouvi a professora de laboratório Laura Nery afirmar em suas aulas que “nós somos muito daquilo que pesquisamos”. Mais recentemente, também li uma afirmação muito parecida na obra de João Batista Libanio (2003) ao falar sobre a vida intelectual:

Somos o que fazemos, criamos, produzimos. As ações humanas não se desvinculam totalmente de seu ser. Não só vale o que dizia a Escolástica, *agere sequitur esse*, “o agir segue o ser”, como também *esse sequitur agere*, “o ser segue o agir”. (LIBANIO, 2003, p. 111)

Sendo assim, acredito que o processo de pesquisa, embora se proponha a ter como base a objetividade requerida pelo fazer científico, dificilmente estará desvinculado do nosso ser, de quem nós somos, de nossos gostos ou desejos de produção e ação no mundo.

Ao realizar essa pesquisa com base no arquivo pessoal fotográfico de minha avó paterna, acredito que consegui mais do que nunca aliar o fazer científico a aquilo que eu realmente sou, aquilo que me motiva e que é a base para a minha produção e formação, a minha família.

A iniciativa dessa pesquisa surgiu ainda no início de minha formação em História, onde eu tinha o interesse de pesquisar um pouco mais sobre a história de minha família paterna, de origem portuguesa. A ideia não foi para frente, tendo eu me apaixonado pela história do teatro e tendo iniciado bolsa de pesquisa nesse campo e me formado.

Com o início de minha formação em Arquivologia, o desejo de pesquisar sobre a minha família reapareceu, agora a partir das aulas da eletiva sobre arquivos pessoais, ministrada pela professora Patricia Macedo. O interesse em conhecer as fotografias de minha avó, tão mencionadas nas rodas de conversa em família, agora se tornavam interesse de pesquisa ao serem entendidas como grande fonte de estudo dos chamados arquivos pessoais.

Com o desenvolvimento da pesquisa, pude ressaltar a importância dos arquivos pessoais na Arquivologia, reafirmando mais uma vez a valorização desses documentos. Ao dialogar com a produtora, pude ressaltar que o fazer arquivístico também engloba uma “educação documental sobre o acervo”, cabendo ao arquivista demonstrar para o seu produtor a importância de seus documentos. Importância esta que vai desde a sua preservação para fins arquivísticos, como para futuros estudos históricos e de valorização da memória individual, familiar e social ali representada.

Refletimos ainda sobre a importância do contexto para o entendimento do processo de acumulação do acervo a ser estudado e/ou organizado. Contexto esse que se propõe a analisar

seu produtor e o momento a qual esses documentos foram produzidos, informações importantes para a delimitação do próprio objeto.

Por fim, entendemos o ineditismo de se poder ter ainda em vida o produtor de um acervo a ser estudado. Sendo assim, tivemos como base para a construção de um dos capítulos a entrevista com a produtora. Essa metodologia nos ajudou a responder um pouco das lacunas apresentadas por Aline Lacerda (2010) sobre os arquivos pessoais e suas motivações para acumulação, guarda e preservação.

Ao analisar o acervo fotográfico de Nelly, pude demonstrar as suas ínfimas possibilidades de estudo. Evidenciando que mesmo sendo Nelly uma mulher “comum”, pobre, moradora do subúrbio do Rio de Janeiro, mãe de dois filhos, cinco netos, um bisneto, minha avó, também pode ser produtora e guardiã de um acervo com grandes possibilidades de estudo para a Arquivologia.

ANEXO - ENTREVISTA COM NELLY REZENDE:

1. Sabemos que esse acervo trata-se de fotos que foram sendo acumuladas desde o início do século XX. Quem foi a primeira pessoa que começou a guardar essas fotos?
A primeira foi a avó Augusta, ai como ela morreu, passou a ficar com a mamãe. Quando papai e mamãe foram embora eu peguei pra ficar pra mim.
2. Você consegue se lembrar o valor dessas fotos pra ela?
Ela diz não se lembrar
3. E depois? Pra quem passou? Qual era a valorização dessas fotos?
Quando a foto estava com mamãe, algumas vezes minha avó Augusta ou meu pai, eu não lembro, pegavam as fotos pra mostrar quem era quem pra mim. “Esse é fulano, esse é ciclano”. Meu pai não tinha como tirar foto, porque não tinha dinheiro. Não tinha máquina fotográfica nem nada.
4. Pra você, a fotografia sempre foi presente em sua família?
Na época a gente ia em um lugar pra tirar foto, era um nome que não me recordo. [Estúdio?] Era outro nome, mas era parecido com o estúdio de hoje.
Como falei, não tínhamos máquina de fotografar porque meus pais eram muito pobres, mas sempre que podíamos tirávamos fotos da família.
5. Quais eram as ocasiões que se tiravam fotos?
Não sei, eu não me lembro. Eu até tenho poucas fotos do Marquinhos por exemplo, a maioria foi o pessoal aqui de casa que tirou e me dava. Ai depois também quem tirou muita foto foi o Marquinhos com negócio de aniversário. O Marquinhos tem mais fotos ne? Porque ai quem começou a tirar fotos foi o meu esposo, que comprou uma máquina na época e começou a tirar mais fotos.
6. Existam momentos de consulta a essas fotos em família?
A gente via bastante, apesar que eu não gosto de ver, me da saudade. Me deixa pra baixo e eu não gostava de emprestar não, porque sumiram muitas fotos. Sumiu foto de eu grávida do Maurinho, sumiu foto da minha tia Esmeralda. Essa foto que tinha, de mim

grávida do Maurinho por exemplo, foi tirada lá na casa do padrinho dele que era noivo da Léa.

7. Como você guardou essas fotos?

Dentro de uma caixinha, ai a caixinha ficou ruim e eu troquei de caixinha. Fui sempre trocando quando a caixinha ficava ruim. Teve uma época que elas estavam ate num saquinho, acho que foi na época em que ficava com eles lá [os pais de Nelly].

8. Quais foram os critérios que você teve para permanecer guardando essas fotografias? O critério foi “vai colocando”. Não tinha critério, era um lugar de guardar fotos, então toda foto que se tirava ou que eu recebia, ia pra caixinha.

9. Sabemos que existem fotos tanto que foram herdadas, quanto fotos que foram sendo guardadas com o decorrer de sua vida. Você acha que ao olhar pra essas fotos você consegue contar a história de sua família? Porque?

Só vendo a foto. Mas tinham várias fotos, tem uma inclusive que eu não suporto, que é uma minha com pano na cabeça. As vezes tiravam fotos do dia a dia, do nada, não tinha nem como eu me preparar pra tirar. Acho que quem tirou foi o meu esposo mesmo. Fotos no trabalho por exemplo a gente não tirava, mas tem foto depois do trabalho, como a Sadila deitada na grama da praça Paris. E tem outra minha, Sadila e Nilza, nós trabalhávamos na mesma sessão.

10. Mas porque guardar as fotos?

Guardo pra recordação, é importante. E eu fico mais triste porque não pude guardar mais. Tu viu? Depois seu pai [Mauro] também começou com a mania de tirar fotos. Tirou foto da Marcelly [neta de Nelly] de você, [neta Natália], ai eu fui dando também algumas para que a pessoa guardasse de recordação também.

11. Quais eram os intuitos de se fotografar pra você?

Pra recordação, é importante.

12. Qual é a sua relação com essas fotos? O que elas representam?

Representam lembranças, recordações da família, da nossa vida. Ai eu quero deixar de recordação também. Tem fotos pra caramba, fotos até que eu não gosto de ver por causa da saudade. Passou muito rápido. Tem uma foto do Tiago por exemplo, sentado numa bola, que me da uma saudade enorme.

13. Percebi que existem fotos de amigos, enviadas como lembranças e demonstrações de afeto? Conte me mais sobre isso.

É, a gente costumava fazer isso, era um costume de todo mundo. Ai a amiga pegava uma foto e oferecia a foto escrevendo no verso “Ofereço essa foto com muita amizade...” Tem uma menina ali, Telma que eu não lembro de onde ela era, não sei se era da época do ginásio. Mas eu recebi muita foto assim.

14. Existem fotos perdidas que em algum momento você tirou da caixa e se perdeu?

Sim, se perdeu muita foto. Algumas se perderam por que ficaram emprestando e perderam e outra até na época da vó Augusta também se perderam. Antigamente tinham muito mais fotos.

15. Havia doação de fotografias?

Dei algumas fotos pra Marcelly, para o Tiago, dei algumas fotos das crianças para os pais guardarem de recordação.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Da gênese à função. O documento de arquivo como informação e testemunho**. In: Arquivo, estudos e reflexões. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 329 a 344.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook**. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Un arte medio**. Barcelona: Editoria Gustavo Gili, 1965
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Arquivos Pessoais são arquivos**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, ano XLV, n. 2, p.26-39, jul. / dez. 2009.
- CAMARGO, Ana Maria. GOULART, Silvana. **Tempo e Circunstancia: a abordagem contextual dos arquivos pessoais**. São Paulo. Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.
- COOK, Terry. **Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno**. Revista Estudos Históricos. v.1, n.21, 1998.
- COX, Richard J. **Arquivos Pessoais: Um novo campo profissional. Leituras, reflexões e reconsiderações**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2017
- DICIONÁRIO de Terminologia Arquivística**. São Paulo: Centro de memória da Educação FEUSP/FAPESP, 2010.
- DUCROT, Ariane. **A classificação dos arquivos pessoais e familiares**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.
- GONÇALVES, Martina Spohr. **De procedimentos a metodologia: políticas de arranjo e descrição nos arquivos privados pessoais do CPDOC**. / Martina Spohr Gonçalves. – 2007.
- HEYMANN, Luciana. **De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: reflexões acerca da produção de “legados”**. Rio de Janeiro: CPDOC, p. 1-18, 2005.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **O indivíduo fora do lugar**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, ano XLV, n 2, p. 40-57, jul / dez. 2009.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller**. Revista Estudos Históricos, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.

LACERDA, Aline Lopes de. **A imagem nos arquivos**. IN: Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. ORG. TRAVANCAS, Isabel. ROUCHOU, Joelle. HEYMANN, Luciana. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2013.

LEITE, Mirian L. M. **Retratos de Família**. São Paulo: EDUSP, 1993

LIBANIO, João Batista. **Introdução a vida intelectual**. São Paulo. Edições Loyola. 2003

MACEDO, Patricia. SOBRAL, Camilla. Antropologia das emoções em arquivos pessoais: a interdisciplinaridade como instrumento. **Revista Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 101-121, jul./dez., 2017

MCKEMMISH, Sue. **Provas de mim...Novas considerações**. IN: Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. ORG. TRAVANCAS, Isabel. ROUCHOU, Joelle. HEYMANN, Luciana. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2013.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges. **Arquivos Pessoais, arquivos de memória e processos de indexação**. 2009, 161f. Dissertação PPHPBC-CPDOC, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro 2009.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. **Descrição e pesquisa: Reflexões em torno dos arquivos pessoais**. p.13-40. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989

SCHELLENBERG, Theodore R. **Documentos públicos e privados: arranjo e descrição**. 1963.

SCHELLENBERG, T. R. (1903-1970) **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Tradução Nilza Teixeira Soares. 6. ed. Editora FGV, Rio de Janeiro, p.269-286. 2006

TOGNOLI, Natália Bolfarini. **As implicações teóricas dos arquivos pessoais: elementos conceituais**. Ponto de Acesso, Salvador, V.5, n.1, p. 66-84, abr 2011